

O Jornalismo e o Fenômeno da Racionalização Moderna

Viviane Marques Guedes*

Índice

1 Introdução	1
2 A Racionalização na Perspectiva Weberiana	3
3 A Incursão do Jornalismo na Lógica Capitalista Racionalizada	7
4 Considerações Finais	13
5 Referências Bibliográficas	15

Resumo

Este artigo apresenta um paralelo entre a prática jornalística moderna e o modelo de racionalização proposto por Max Weber. Como se sabe, o conceito de racionalização, dentro do contexto da modernidade, pode ser aplicado a um incontável número de objetos, propiciando estudos e conclusões ainda não desvelados. O paradigma racionalista trata de pontuar a diferenciação entre as diversas modalidades de ação racional no quadrante da sociedade moderna. Desse modo, nosso interesse em estabelecer, de maneira sucinta, interseções entre as linhas de ações no âmbito do jornalismo e os pontos essenciais desta destacada teoria weberiana.

*Graduada em Jornalismo pela UFPB e aluna especial do Programa de Pós-graduação em Sociologia pela mesma instituição.

1 Introdução

Diversos estudos contemporâneos buscam estudar o jornalismo a partir de recortes específicos que, assim como todo fazer científico, tratam de tecer comparações, desenvolver investigações teóricas, empíricas, sistematizar dados e alcançar conclusões verificáveis acerca deste objeto de estudo. Sobre tudo hoje, na era da sociedade da informação, estas pesquisas ganham fôlego e passam a compor um tema de análise bastante relevante para diversas disciplinas científicas, voltadas a compreender, ou pelo menos tentar compreender, as sociedades humanas, a exemplo da própria sociologia.

Abordar o fazer jornalístico dentro de uma perspectiva sociológica representa uma atividade que requer acurado senso investigativo, embora sejam relações extremamente conectadas, pois ambas estão indiscutivelmente respaldadas pela realidade social.

É talvez na informação jornalística, em suas diversas modalidades, onde encontramos terreno para as integrações e interações sociais, na medida em que esta atividade reflete, embora com restrições inquestionáveis, o universo cotidiano da sociedade. Neste processo, que retrata as ações e os acontecimentos envolvendo os indivíduos, temos muito presente a realidade próxima e alhu-

res. Sabemos o que se passa no mundo social, em seus diversos fragmentos e estruturas, apenas abrindo um jornal, uma revista, ouvindo um rádio, assistindo a um telejornal ou, mais atualmente, através do universo virtual da Internet.

Diante das editoriais dos vários espaços destinados à informação, temos os fatos em seus contextos de afinidade, a exemplo das editoriais de economia, política, esporte, policial, cultura, dentre outras. E neste universo lingüístico vemos, pouco a pouco, emergir a construção da vida social, por isso a tamanha ressonância da mídia na atualidade, tanto para os estudos acadêmicos, quanto para a própria sociedade.

Além disso, a informação jornalística estrutura-se a partir dos recursos objetivos, pautados nos eventos factuais, bem como na modalidade subjetiva, onde se dá vazão à opinião do profissional jornalista. Deste modo, a sociedade não apenas sabe o acontece no mundo à sua volta, ou mais propriamente com a coletividade, como também se depara com uma maneira de pensar sobre este mundo social, através do recorte opinativo que os jornalistas conferem aos acontecimentos.

Este procedimento assegura ao jornalismo uma força legitimadora de guiar o espaço público, mediante uma re-apresentação da realidade social, que se pauta no poder de influenciar a sociedade.

Como dissemos, muitos estudos atuais encontram na lógica jornalística moderna espaço de análise desta nova estrutura ou instituição que ganha ênfase com o surgimento da sociedade industrial. A interpenetração entre a produção jornalística e os matizes estruturais do capitalismo – com suas instituições anexas e inseparáveis – vem compor o

amplo terreno interpretativo para pesquisadores voltados a investigar o paradigma moderno de organização social.

Assim como as demais instituições da modernidade, o jornalismo ingressa nesta nova era social assumindo e sintetizando as principais características da atividade capitalista: ajustamento aos moldes industriais, busca de mercado para os bens simbólicos, acentuado direcionamento para a máxima obtenção de lucro e, como não poderia faltar dentro de um paradigma modernizador, a freqüente estruturação racionalista da realidade para adequar todas as atividades da empresa jornalística aos fins visados pelas regras do capitalismo.

Na qualidade de mais uma instituição moderna apta a ser estudada, sobretudo no campo da sociologia, a partir dos mais variados recortes epistemológicos, o jornalismo representaria uma atividade técnica que também apreende de modo substantivo a essência mais eloqüente do racionalismo ocidental, na medida em que se volta para a realidade social, à maneira da ciência, como um amplo espaço de aplicabilidade racional.

Partindo dessa premissa, buscaremos discutir neste artigo a intrínseca relação entre o processo de racionalização, que atinge diversas instituições modernas, e a atividade jornalística dentro deste contexto de modernização, de direcionamento racional das ações humanas. Iniciaremos as discussões a partir de uma revisão conceitual acerca do que se compreende por racionalização, sobretudo nos escritos de Max Weber, bem como de demais autores que se ocupam em estudar este conceito e aplicá-lo a objetos específicos de análise.

No segundo tópico de nossa investigação, destacaremos uma breve trajetória da prática

jornalística até alcançarmos o momento em que esta se insere na perspectiva mercadológica e passa a apreender o espírito do capitalismo. Neste contexto, iremos demonstrar como esta atividade sintetiza a lógica da racionalização moderna, passando a estruturar-se dentro dos padrões de empresa capitalista que organiza de forma eficaz e calculada seus produtos e bens simbólicos, e hierarquiza as funções e as ações dos profissionais da informação.

2 A Racionalização na Perspectiva Weberiana

Neste tópico, pretendemos demonstrar nosso entendimento acerca do fenômeno da racionalização, ressaltado a partir do pensamento weberiano e de teóricos afins.

São vastos os estudos e interpretações acerca do tema da racionalização moderna. Partindo das formulações weberianas, teóricos e comentadores orientam suas análises resgatando a essência do termo, embora sejam amplas as possibilidades de apreensão e aplicação do processo de racionalização na perspectiva proposta por Max Weber.

Não é tarefa das mais fáceis compreender a essência das concepções weberianas, sobretudo por se tratar de um pensador que apresenta um amplo campo de análises e caracterizações voltadas à apreensão das mais diversas dimensões da vida social.

Pois bem, partiremos da formulação mais central do conceito, embora seja um tanto complexo concebê-lo, para então destacarmos os seus desdobramentos e possibilidades interpretativas.

Quando Weber¹ se dedica ao estudo da ra-

¹ Weber *apud* COHN, Gabriel. *Crítica e resigna-*

cionalização, ele parte de uma abordagem histórico-comparativa, onde desenvolve a caracterização do termo mediante uma proposta comparativa entre diferentes sociedades em diversos níveis históricos, vislumbrando averiguar a especificidade do conceito no contexto da sociedade moderna.

Desse modo, ao passo de suas caracterizações, o autor acaba por verificar que o caráter da racionalização, além de ser um fenômeno relacionado a diversas modalidades de ações sociais, apresentava uma peculiaridade própria do mundo moderno.

Antes de falarmos sobre esta especificidade, é importante destacar a contigüidade imanente aos conceitos de racionalização e ação social. Embora sejam termos dissociados como se fosse o todo das partes, respectivamente, há entre eles uma intrínseca relação digna de ressalte.

Mesmo sendo a racionalização diferente da ação social, elas se complementam mutuamente, pois a racionalização confere mobilidade à ação social e esta, por sua vez, na perspectiva weberiana, depende diretamente de uma orientação racional para se atingirem os fins pretendidos. Em outras palavras, Weber² particulariza as ações racionais da sociedade como formas específicas do processo de racionalização na modernidade.

O autor parte do princípio de que, ao longo do processo histórico, as diferentes modalidades da vida social (a exemplo da economia, da religião, da arte, do direito, etc.) mesclam-se formando um todo de difícil dissociação, contudo será a partir da nova era moderna que estas entidades passam a apre-

ção: Max Weber e a teoria social. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 232.

² Id. *Ibid.*

sentar uma crescente autonomia segundo um processo de “diferenciação” que sistematiza então diversas “linhas de ação” social.

Esta distinção de modalidades de ação esteve motivada, segundo Weber, pela passagem da humanidade a um mundo “desencantado”. Mas o que significa isto? Ora, com a transição da vida humana para a modernidade – guiada pelas diversas modificações de conduta e comportamento – a sociedade passa a conviver com novas formas de ação diante da vida. Inclusive deixando para trás as formas mágicas e encantadas de conceber a existência humana e a natureza, próprias dos tempos remotos. De acordo com Quintaneiro³:

A humanidade partiu de um mundo habitado pelo sagrado, pelo mágico, excepcional e chegou a um mundo racionalizado, material, manipulado pela técnica e pela ciência. O mundo de deuses e mitos foi despovoado, e sua magia substituída pelo conhecimento científico e pelo desenvolvimento de formas de organização racionais e burocratizadas.

Deste “desencantamento” da vida, emerge uma lógica mais racional de concepção do mundo, o que impulsionou definitivamente a diferenciação das linhas de ação social, uma vez que isto abriria espaço para uma nova perspectiva de racionalização, de certa forma mais diversificada, que se descortina na etapa moderna.

O que se entende por esta modificação e diferenciação das linhas de ação é que com

³ QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira; OLIVEIRA, Maria Gardênia de. *Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995, p. 141.

isto houve uma maior possibilidade de aplicação da racionalização no mundo moderno, na medida em os agentes teriam maior mobilidade entre as linhas de ação racional e estas entre si. Como se isto fizesse parte da dinâmica do processo de racionalização na modernidade. Neste sentido, percebemos que há uma relação de proporcionalidade direta entre o nível de diferenciação das linhas de ação e a progressão do nível de racionalização.

Pelo que compreendemos, seguindo o que foi exposto por Cohn⁴, haveria dois níveis de racionalização no âmbito moderno. Um, relacionado ao nível de diferenciação externo, ou seja, entre as diferentes modalidades de ação do indivíduo; o outro, voltado ao âmbito interno de cada linha de ação social, organizado a partir de uma conotação intrínseca. Mas o que interessa perceber aqui é que, para se processarem, as ações são voltadas a uma ordenação significativa. É como se o todo representado pelo conjunto de linhas de ação – que dialogam entre si – estivesse permeado pelas peculiaridades de significados que cada linha de ação social apresenta isoladamente. Neste sentido, Cohn⁵, sistematizando o pensamento weberiano, demonstra que dentro desta lógica formar-se-iam pares ordenados (X; Y – **impressão nossa**) correspondentes à dinâmica entre as linhas de ação. Como se pode ver a seguir:

1. No interior de cada linha de ação, a relação entre: (Racional; Não-racional);
2. No âmbito externo, ou seja, a partir das relações entre as linhas de ação espe-

⁴ COHN, Gabriel. *Crítica e resignação: Max Weber e a teoria social*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 234.

⁵ Id. *Ibid.*, pp. 234-235.

cíficas, forma-se então o seguinte par: (Afinidade; Tensão).

Tentando compreender estes encadeamentos, que nos parecem apresentar uma coerência calculada, inferimos que há nestes pares uma lógica pedagógica que nos leva a interpretar de maneira mais clara o conceito de racionalização proposto por Weber.

Do primeiro encadeamento (Racional; Não-racional), acreditamos haver uma estruturação linear, unidimensional, que demarca os significados próprios e específicos de cada linha de ação individualmente. Dependerá do agente então voltar suas ações para um sentido mais racional ou para uma rota mais irracional.

No tocante ao par formado por (Afinidade; Tensão), inferimos que aí se forma uma relação que apresenta variáveis que podem seguir caminhos paralelos ou tomar trajetos opostos. Explicaremos. Observe. Como este par relaciona-se às ligações externas entre as linhas de ação social, vemos que cada linha diferenciada de ação pode manter uma relação de afinidade com outras linhas, ou seja, seguirem sentidos paralelos no percurso de racionalização das ações. Como exemplo, podemos destacar a afinidade que há entre a conduta prática da vida orientada por valores e a conduta metódica do capitalismo.

No segundo caso, onde se destacariam as tensões entre linhas de ação, parece-nos que estas trafegam em sentidos opostos, pois enquanto o significado de uma ação será guiado para um determinado fim racional em um determinado contexto, outra linha de ação nem sempre seguirá o mesmo percurso, podendo, inclusive, ser conduzida por um novo significado de ação.

Porém, o alicerce destas afinidades e ten-

sões está firmado na lógica da própria racionalização ou, como destacado nas palavras de Cohn⁶, “a racionalização é o processo que confere significado à diferenciação de linhas de ação”. O que parece evidente nesta caracterização é que o processo de racionalização paira como uma tendência e uma força propulsora das diversas linhas de ação racional, embora nem sempre todas as ações sejam guiadas pela lógica racional.

Weber⁷ traça diferenças significativas entre dois tipos de ações racionais: a racionalidade formal e a substantiva. Estas classificações serão retomadas mais adiante em nossa análise sobre a racionalidade aplicada pelo agente jornalista.

No quadrante da “racionalidade formal”, o pensador demonstra que as ações racionais passam a ser motivadas por fins calculados e resultados esperados. Já no círculo da “racionalidade substantiva”, o autor defende haver uma aproximação entre a ação racional e a busca de um determinado valor, a exemplo da salvação, do trabalho, da solidariedade, da felicidade, da verdade, da responsabilidade, dentre tantos outros.

Partindo de conceitos mais específicos, anteriormente destacados, para caracterizações mais gerais, ressaltamos uma definição interessante sobre o fenômeno da racionalização, extraída de Weber:

que se preocupava com a possibilidade de que, à medida que o CAPITALISMO industrial se transformasse em sociedades cada vez mais complexas, a vida social viesse a ser organizada em torno de prin-

⁶ Id. Ibid., p. 240.

⁷ Weber *apud* COHN, Gabriel. *Crítica e resignação: Max Weber e a teoria social*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 241.

cípios impessoais de cálculo racional, eficiência técnica e controle. Os sentimentos, a espiritualidade e os valores morais diminuiriam em importância, ao mesmo tempo em que as sociedades constituiriam uma “jaula de ferro” cada vez mais restritiva de BUROCRACIA em todas as áreas da vida social, da religião e educação, ao trabalho e à lei. Tudo isso facilitaria o controle da vida diária do indivíduo pelo Estado e pelas empresas.⁸ (Grifos do autor).

Com esta acepção, Weber nos fornece aparatos para compreender a devida conexão que faz entre a sociedade capitalista e o fenômeno da racionalização moderna.

Neste aspecto, o autor nos leva a entender a “afinidade” que ele propõe existir entre a conduta racional moderna e as variadas linhas de ação dos indivíduos. Como vimos anteriormente, a humanidade passa de um mundo encantado para uma realidade mais calculada, lógica, em que o misticismo, o sobrenatural, a magia já não mais apresentam grande ressonância na modernidade, daí a necessidade de ações mais racionais guiando a moderna conduta de vida dos agentes. Digamos que o homem passa a descartar a “passividade” supramundana do encantamento e da espera para conviver com uma realidade mais previsível, erigida à luz da técnica, da razão, métodos, lógica, ciência e eficácia.

O cerne do pensamento weberiano está pautado, pois, na questão das afinidades ou tensões entre os modos e direcionamentos da conduta de vida, onde a racionalização se

apresentaria como uma tendência de regulação da conduta social. Tais questões podem ser compreendidas nos estudos que Weber desenvolve sobre religião e racionalidade. A partir das pesquisas sobre a ética econômica presente nas religiões mundiais, sobretudo na Índia e na China, Weber aproxima-se de conclusões importantes para compreender a ética de religiões ocidentais, a exemplo do protestantismo. Segundo Cohn⁹, a finalidade central de Max Weber, em seu livro “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, era procurar apresentar:

a existência de uma íntima afinidade entre a idéia protestante de “vocação” e a contenção do impulso irracional para o lucro através da atividade metódica e racional, em busca do êxito econômico representado pela empresa. Por essa via, apresentava-se a idéia de que um determinado tipo de orientação da conduta na esfera religiosa – a ética protestante – poderia ser encarado como uma causa do desenvolvimento da conduta racional em moldes capitalistas na esfera econômica.

Isto posto, percebe-se que Weber pretende demonstrar que poderia haver uma espécie de “afinidade eletiva” entre a conduta racional das diversas instituições modernas, o que não exclui, porém, a possibilidade de “tensões”. No caso da religião, no ocidente, Weber envolve-se em fundamentar a lógica de atração imanente às linhas de ação religiosa e econômica, na medida em que ambas estariam orientadas por uma regulação racional dos comportamentos própria da essência

⁸ JOHNSON, Allan G. *Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, pp. 188-189.

⁹ COHN, Gabriel. (Org.). *Weber*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991, p. 23.

da vida moderna e do espírito do capitalismo ocidental.

O fenômeno da racionalização estaria então em afinidade com o desenvolvimento e diferenciação das diversas instituições modernas, desde a esfera religiosa até a econômica, sem que para isto necessite haver uma relação de determinação, nos moldes marxistas, entre estas diferentes entidades de ação.

Partindo do princípio de que os termos weberianos não são hermeticamente definidos como conceitos genéricos aplicados a contextos específicos, vemos nas proposições acerca da racionalização moderna amplo campo de interação com novas análises que se queiram desenvolver no contexto do capitalismo industrial.

A aplicabilidade da racionalização, associada ao modelo do moderno capitalismo, quer seja no campo da religião, da música e em diversas modalidades diferenciadas no social, como é o caso do próprio jornalismo moderno, pode nos oferecer ricas análises e nos levar a refletir e empregar, em configurações específicas, este conceito que é tão fértil em desdobramentos reflexivos.

Neste sentido, iniciaremos no tópico seguinte uma observação mais específica, envolvendo a configuração do jornalismo industrial em sua inserção na moderna sociedade capitalista e no modelo de racionalização congruente com tal esquema.

3 A Incursão do Jornalismo na Lógica Capitalista Racionalizada

Já abastecidos de um repertório conceitual bastante significativo para a compreensão do fenômeno da racionalização, partiremos

agora para uma interpretação mais microfísica do tema, voltando-o, pois, para a análise do objeto de estudo em questão, a saber: o jornalismo em sua configuração capitalista moderna.

Inicialmente pode parecer óbvia a dicotomia entre jornalismo e modelo capitalista de produção, porém uma compreensão mais detalhada desta convergência pode nos mostrar conclusões inéditas que adquirem importância para este estudo. É preciso considerar que no âmbito das macro-interações, há sempre particularidades que precisam ser desnudadas para a devida compreensão do objeto que se deseja investigar.

Ao longo do tempo, a atividade jornalística sofre modificações em sua estrutura mais nuclear e nos modos como as informações são levadas ao público, bem como nos processos de conformação dos profissionais da informação às novas necessidades do jornalismo indústria.

Com a passagem do século XIX para o XX, o jornal, como empreendimento individual, desaparece nas grandes cidades. Os pequenos jornais cedem lugar às empresas jornalísticas, que modificam suas relações com o anunciante, com a política, com os leitores e com os próprios jornalistas. Essas transformações estão intrinsecamente ligadas à ascensão da burguesia e ao avanço das relações capitalistas no mundo. Com essas modificações, a própria organização interna dos veículos de informação passa a se ajustar ao ethos racional, e não é só isso, os conteúdos que circulavam, sobretudo na mídia impressa, sofrem significativas mudanças para se adequarem à moderna sociedade capitalista.

Durante parte do século XIX, a manifestação lingüística dos jornais esteve atrelada ao

exercício doutrinário e retórico da opinião, no qual predominava o recurso eloqüente da linguagem empolada. Nesta fase, o jornalismo ainda resguarda uma relativa autonomia em relação ao mercado, onde a produção representava um equilíbrio semântico entre o discurso político e o literário.

Com a evolução capitalista, o jornalismo, em suas diversas habilitações, impressa, televisiva e radiofônica, começa a se estruturar nos moldes industriais, abandonando, pois, a fase artesanal. Com isso, as empresas jornalísticas recorrem a novos recursos produtivos e lingüísticos capazes de organizar a informação nos moldes mercadológicos. A partir de então, vemos ascender, no espaço jornalístico, novas tendências narrativas que têm na objetividade e na notícia a extensão ideal de representação do espaço social. Neste contexto, a opinião passaria a ocupar menos espaço no modelo de jornalismo-empresa, pois o que importava era sistematizar de maneira racional e objetiva os diversos níveis simbólicos de construção da realidade.

Ao longo do século XX, surge o período da constituição de grandes corporações, reunindo jornais e revistas, emissoras de rádio e televisão. No modelo jornalístico abarcado por estas corporações capitalistas, gradativamente, emergem novas formas discursivas diferenciadas, que coexistem na constituição dos novos paradigmas lingüísticos do jornalismo.

Estas macro-transformações perpassam a estrutura interna da organização jornalística, na medida em que esta deve adaptar a informação a um esquema mais pragmático de ação. Embora o recurso opinativo ainda demarque espaço dentro do jornalismo contemporâneo, acreditamos que esta opinião, pautada em procedimentos mais criativos e li-

terários, passou por um processo de desencantamento para ceder lugar à notícia propriamente dita ou, em outras palavras, à informação racional, calculada, objetivada que atenda às exigências do mercado de bens simbólicos.

De acordo com Marcondes Filho¹⁰, “(...) quanto mais o jornal burguês tende à empresa capitalista com lucros e perdas, que produz mercadorias de busca e interesse amplo, tanto mais ele desenvolve melhores técnicas de aprimoramento do produto”. Com o passar do tempo, a indústria de jornais, revistas, radiodifusão e televisão atinge dimensões gigantescas, tornando mais racionalizado o seu produto: a informação.

A partir dos idos de 80, o jornalismo passa a se preocupar com sua transformação tecnológica. Os avanços nessa área, com o desenvolvimento das telecomunicações, com a difusão da informática e com as novas possibilidades de impressão e registro audiovisual, afetaram a coleta da informação, a produção da notícia e sua distribuição.

O objetivo das empresas de comunicação, ao adotar novas tecnologias, passa então a ser os estudos mercadológicos e as estratégias de *marketing* para sustentar seu produto no mercado consumidor. A informação, além de um bem simbólico, tornou-se um bem econômico, uma mercadoria. Com isso, a linguagem veiculada nos meios passa também por mudanças significativas, uma vez que o jornalismo do século XX começa a conviver com novas formas temáticas e com a sistematização de novos modelos de narrativa. O jornalismo industrial do final do

¹⁰ MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza*. São Paulo: Ática, 1986, p. 65.

século XX está representado pelo processo de concentração dos meios de comunicação de massa e pela formação de oligopólios da informação. Neste modelo de jornalismo, submetido aos ditames da concorrência, os jornalistas são condicionados a trabalhar sob muita pressão, pois o rigor no horário de fechamento do jornal significa um salto de rapidez na execução de tarefas.

Enfim, depois deste breve panorama histórico, pode-se perceber o quanto o jornalismo e os profissionais da informação tiveram que assimilar e assumir novas condutas mais racionais consonantes ao novo paradigma informativo da era capitalista.

Vê-se, portanto, dentro desta perspectiva, que se desenvolve uma tendência de o jornalismo acompanhar esta lógica de racionalização do capitalismo moderno, onde podemos salientar a extrema afinidade entre a linha de ação jornalística e a econômica.

Dada a diferenciação das linhas de ação no mundo moderno, o jornalismo acompanha este ritmo e também se configura enquanto modalidade da vida social, apresentando tanto uma lógica interna, enquanto linha de ação, como também uma projeção externa que apresenta um significado social e se conecta às demais linhas de ação tendentes à racionalização.

A lógica interna e racionalizada do jornalismo moderno pode ser pensada segundo a própria organização e divisão calculada dos conteúdos que são levados cotidianamente ao público. Como se percebe, ao abrir um jornal, uma revista ou assistir a um telejornal, as informações são sistematizadas em editoriais bem definidas que passam a destacar os acontecimentos em espaços delimitados metodicamente, a exemplo do espaço dedicado à informação e à opinião, além da es-

truturação dos acontecimentos em editoriais políticas, econômicas, culturais, esportivas, dentre outras.

A própria divisão dos gêneros jornalísticos, no âmbito do jornalismo impresso, ocorre justamente como consequência da crescente corrida capitalista. A meta, na nova fase industrial, é converter os jornais em instrumento mais objetivo, de modo que a informação seja sistematizada e disponibilizada ao público nos mais diferentes contornos lingüísticos – opinativo e informativo – que são estruturados nos conhecidos gêneros: notícia, reportagem, nota, artigo, editorial, crônica, dentre outros. Isto sem falar nas modificações e adaptações vivenciadas pelos grandes meios de mensagens jornalísticas, como o rádio, a televisão e, mais atualmente, a Internet.

Com isso, vemos que além das macro-modificações dos meios de comunicação para se adaptarem à lógica capitalista, têm-se também as micro-mudanças na maneira como a informação deverá ser disposta internamente, em seu conteúdo. São vários os autores no âmbito das ciências da comunicação que buscam compreender como estes conteúdos informativos se estruturam no contexto contemporâneo da sociedade capitalista. Achamos oportuno ressaltar, neste aspecto, dentro dos estudos relacionados à Teoria do Jornalismo, desenvolvidos por Traquina¹¹, a ditosa Teoria do *Gatekeeper*.

Também conhecida como Teoria de Ação Pessoal, esta teoria reflete a tomada de decisão do jornalista na concepção diária de produtos informativos, ou seja, o profissional deve agir de maneira racional para sele-

¹¹ TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. Porto Alegre: Unisinos, 2000.

cionar as notícias que serão divulgadas e as que não deverão ganhar destaque. Nas palavras de Traquina¹², “o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas, onde o fluxo de notícias tem que passar por esses *Gates* (portões)”. (Grifos nosso). No processo de constituição das informações, nem todos os acontecimentos são considerados apropriados para chegarem ao público ou mesmo dependem da política editorial de cada empresa, que limita e influencia decisivamente na tomada de decisão do profissional.

Como se percebe, dentro de uma empresa de comunicação, o jornalista deve calcular passo a passo suas ações cotidianas, e adequá-las aos métodos de escolha e seleção dos fatos reivindicados pela linha editorial de cada veículo em particular. Isto faz com que o profissional passe a racionalizar suas ações para atender ao modelo de informação instrumental, pautado em sucesso político e econômico para as empresas.

Cabe, neste sentido, perguntar: o que seria das empresas jornalísticas se não fosse a ação individual de cada jornalista que faz parte da organização? Não há como conceber tal situação, haja vista ser o profissional da informação o promotor direto das práticas mais importantes das empresas capitalistas de bens simbólicos.

A questão do profissionalismo desenvolve-se nas empresas noticiosas como parte integrante de seu modelo produtivo. A destreza do indivíduo jornalista em sistematizar a informação cotidiana representa um patrimônio indispensável para os veículos de comunicação. Daí diversas pesquisas que visam a apreender

¹² Id. *Ibid.*, p. 69.

esta intrínseca relação entre jornalista e organização noticiosa.

Vemos que esta profissionalização não pode estar dissociada de uma racionalidade específica, pautada na competência do jornalista em organizar a informação, colhendo dados dos mais diversos campos e fontes possíveis para ao final calcular e estruturar discursos que atendam às reivindicações das linhas editoriais de cada empresa, dos “contratos” políticos, das estratégias de publicidade e, finalmente, dos públicos.

Esta racionalidade se estende também à própria aculturação do jornalista quando ingressa na empresa, na medida em que a própria consciência do profissionalismo ao lado das sanções feitas pelas linhas editoriais, representariam maneiras eficientes de controle da conduta e da ação do indivíduo.

Em relação a esta ação do jornalista, temos agora uma consideração a fazer, destacada dos estudos de Weber, que talvez seja central em nosso estudo. O autor demonstra haver, no processo de racionalização moderno, uma tendência à busca pela especialização, onde esta, segundo Quintaneiro¹³, seria “necessária para o exercício de cargos ou funções”, sendo o tipo ideal de especialista “o indivíduo que age em cooperação com outros, cujo ofício é separado de sua vida familiar e pessoal, regulamentado por mandatos e pela exigência de competência, conhecimento e perícia”. Ora, nada mais apropriado ao que se verifica dentro da prática do jornalismo e ante a especialização dos profissionais dentro das instituições noticiosas.

Desta idéia de especialização há muitos

¹³ QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira; OLIVEIRA, Maria Gardênia de. *Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995, p. 139.

desdobramentos, cabe aqui destacar o que mais nos interessa. No tocante à especialização no âmbito do jornalismo moderno, temos que esta representa uma lógica essencial no desenvolvimento das ações racionais, de modo que as funções dentro de uma redação jornalística sejam bem delimitadas para que o processo de produção de bens simbólicos torne-se mais racionalizado e eficaz.

Como se sabe, não há jornalista que escreva sobre tudo. Há dentro da organização uma tendência à segmentação de atividades e funções que estão na base da própria existência da empresa. A própria divisão em editorias, mais nitidamente observada no jornalismo impresso, representa esta distribuição de competências baseadas em um conhecimento especializado. Além disso, a própria produção de textos e imagens, sempre coerentes com a política editorial, passa por uma série calculada de edições até chegar ao público final. Desse modo, embora seja o jornalismo, muitas vezes, considerado uma atividade intelectual, a organização das empresas nos moldes capitalistas representa um grande obstáculo a estes procedimentos. A meta é, teoricamente, a busca por atitudes objetivas e imparciais diante dos fatos.

Porém esta objetividade torna-se, na maioria das vezes, questionável, devido ao próprio critério de seleção dos acontecimentos, como destacamos nas discussões anteriores. O que justifica a notícia passar por tantas mãos antes de chegar ao público? Depreende-se que isto faça parte da busca pela racionalidade dentro das instituições jornalísticas que hierarquiza as funções e as ações dos profissionais para atender a determinados fins.

É dentro das empresas jornalísticas, pautadas nestes critérios de especialização e hi-

erarquização das rotinas profissionais, que acreditamos haver uma tendência contínua ao fenômeno da burocratização, que parte das fontes de informação até a concepção final das notícias.

As fontes são os canais diretos das informações que chegam às redações jornalísticas. Daí este fluxo informativo passa pelo crivo de diversos agentes hierarquizados na “divisão do trabalho” jornalístico. Redatores elaboram a notícia, que segue depois para os revisores; editores de diversas editorias especializadas conferem se as informações passam pelos *Gates* (portões); chegando enfim aos chefes-de-reportagem e editores-chefe que liberam ou não o conteúdo para publicação. Como se vê, isto representa uma lógica encadeada de ações individuais e técnicas produtivas para atingir a previsibilidade esperada pelo capitalismo. Neste contexto, Quintaneiro¹⁴ explica que:

A organização burocrática é hierárquica (...). A burocracia organiza a dominação racional-legal por meio de uma incomparável superioridade técnica que garante precisão, velocidade, clareza, unidade, especialização de funções, redução do atrito, dos custos de material e pessoal.

Ainda sobre este prisma da burocratização profissional, temos em Giddens¹⁵ o seguinte:

A divisão especializada do trabalho que caracteriza necessariamente a economia moderna exige uma coordenação muito precisa das funções. É essa a razão por

¹⁴ QUINTANEIRO, loc. cit., p. 139.

¹⁵ GIDDENS, Anthony. *Capitalismo e moderna teoria social*. 4. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1994, pp. 248-249.

que a expansão do capitalismo se acompanhou de um tão marcado crescimento da burocratização. (...) A burocratização é uma manifestação administrativa concreta da racionalização da ação que penetrou todas as esferas da cultura européia, incluindo a arte, a música e a arquitetura. A tendência geral para a racionalização que se fez sentir no Ocidente constitui o resultado da interação de numerosos factores, dos quais o principal foi talvez a expansão do mercado capitalista.

Estas definições se aplicam de maneira coerente ao que observamos dentro da atividade jornalística moderna, onde as ações são guiadas por uma tendência técnico-racional, que especializa funções e hierarquiza atitudes dentro das organizações formais para o alcance de metas específicas. A própria linha editorial também representa um artifício eficaz de controle de ações dentro das empresas, o que reduz, como consequência direta, a autonomia política, crítica, analítica e criativa do indivíduo jornalista.

Além disso, a postura e práticas redacionais devem atender a quatro leis básicas que regem todo o fazer jornalístico, que são: periodicidade, universalidade, atualidade e difusão das notícias. Com isso, os condicionamentos dos profissionais da informação são determinados também por estes fatores objetivos. Deste modo, percebe-se que a burocratização dentro dos meios de comunicação acompanha-se também de um ritmo padronizado de produção que em quaisquer circunstâncias deve atender aos princípios supracitados.

A notícia é e deve ser sempre objetiva, estar determinada pela técnica, pelo cálculo sistemático com fins práticos e, muitas ve-

zes, mercadológicos. Diversos teóricos do jornalismo consideram a informação na atualidade como um produto que é direcionado à perspectiva de mercado, colocado à venda como qualquer outro bem. Isto se verifica, por exemplo, nas próprias estratégias de agendamento das informações depreendidas pelos meios para colocar ou não em evidência determinados fatos sociais. A melhor estratégia de escolha e edição dos fatos fomentará a fidelização do público consumidor.

Essas assimilações racionais em torno da prática jornalística, destacadas em nosso estudo, trazem consigo diversas consequências inerentes ao próprio fenômeno da racionalização da vida social vivenciada dentro da esfera capitalista. Embora estejamos em uma era de marcante eficiência produtiva, isto apresenta também alguns contrapontos que precisam ser pensados. Refletindo sobre as idéias weberianas, Giddens¹⁶ demonstra que vivemos hoje no:

sistema econômico mais avançado que o homem jamais criou. Mas a racionalização da vida social que o tornou possível tem consequências que contrariam alguns dos valores mais característicos da civilização ocidental, tais como os que sublinham o valor da criatividade individual e da autonomia de ação. A racionalidade da vida moderna, que se manifesta de modo muito particular na organização da burocracia, cria uma «gaiola» que restringe cada vez mais a liberdade de ação dos homens.

No caso do jornalismo moderno, este engessamento torna-se evidente, pois a “criatividade individual” e a “autonomia de ação”

¹⁶ GIDDENS, op. cit., p. 251.

estão sujeitas, entre outros fatores, às limitações editoriais fomentadas pelas vinculações da instituição jornalística com modalidades do poder político e econômico em pleno vigor na sociedade, pela estrutura organizacional que segmenta as funções e as ações dos jornalistas e pela formatação racionalizante que se deve dar às informações produzidas.

Por conseguinte, a criatividade ficaria comprometida dentro desta perspectiva burocrática – que colocaria os profissionais e seus discursos dentro de uma “gaiola de ferro” condicionada às decisões “superiores” de cunho ideológico e político-econômico. Assim, a liberdade de expressão, na qual deveria estar pautado o jornalismo democrático, torna-se questionável e regulada pelas técnicas produtivas, pelas vinculações ideológicas das empresas e pelas hierarquizações nos meios.

Um outro aspecto digno de reflexão é referente à questão dos tipos de racionalidade ou ações racionais, que destacamos no tópico anterior. Ao retomar estas modalidades dentro do círculo do jornalismo, chegamos a algumas conclusões relevantes.

Weber demonstra haver distinção entre dois tipos de racionalidade: a que é orientada pelo cálculo meios-fins e a ação racional que se volta para a busca de valores. Pois bem, cabem agora as seguintes indagações: de que tipo de racionalidade podemos falar quando pensamos na atividade jornalística? Será que a ação no jornalismo orienta-se predominantemente por fins econômicos ou pauta-se prioritariamente pela efetivação de valores?

A nosso ver, em relação ao jornalismo, não podemos nos posicionar com precisão quanto ao equilíbrio entre um ou outro tipo de racionalidade, o que nos leva a concordar com a hipótese de Weber que não have-

ria um processo de racionalização integral do mundo.

Consideramos aqui que, dentro do processo jornalístico, haveria uma considerável dificuldade de se alcançar uma igualdade entre estes dois tipos de racionalidade. Como sabemos, o jornalismo organiza-se dentro de uma tendência calculada para atingir fins econômicos, com a busca constante do lucro; porém, dentro da lógica que justifica a legitimidade desta instituição social, está imanente a idéia do valor de verdade e responsabilidade social, associados ao mito da imparcialidade apregoado pelos próprios veículos de comunicação e profissionais da área.

Então o jornalismo representaria, *a priori*, uma atividade que busca dialogar com a ética mercadológica e a ética da responsabilidade social. Entretanto, o que acontece é que muitas vezes a objetividade, a imparcialidade, o equilíbrio e, sobretudo, o valor de verdade são questionáveis no contexto da prática jornalística, levando-nos a crer que há uma tendência à superação da racionalidade substantiva (valorativa) por uma racionalidade formal, orientada por fins, configurando assim uma proporcionalidade inversa, ou seja, enquanto uma dimensão da ação racional (no caso a orientada por fins) tende ao aumento a outra racionalidade (calculada em valores) tenderia ao retrocesso. Embora seja viável a coexistência destas duas racionalidades, uma possivelmente irá superar a outra.

4 Considerações Finais

Os aportes conceituais sobre o processo de racionalização na modernidade e o estudo do jornalismo dentro desta perspectiva formam os pilares deste artigo. Nossa intenção

foi traçar um breve paralelo entre as práticas produtivas que norteiam a atividade jornalística e os referenciais que estruturam os conceitos-chave desta criteriosa teoria weberiana.

Sabemos que novos recortes podem ser desenvolvidos para a investigação do cotidiano do jornalismo na contemporaneidade; o que fizemos foi apenas lançar alguns questionamentos acerca de um tema sobremaneira importante, fortalecendo assim uma linha de análise que, por si só, já se reserva a um vasto universo interpretativo.

Ao final deste estudo, chegamos a conclusões gerais, mas que apresentam dados relevantes acerca do objeto que pretendíamos investigar.

Partimos de conceitos mais centrais do fenômeno da racionalização, guiando-nos pela imbricação entre racionalização e ação racional, onde destacamos a importância de se compreender as especificidades das linhas de ação social dentro do mundo moderno. Neste sentido, alcançamos pontos cruciais dos conceitos weberianos, enfatizando os níveis de racionalização no interior das linhas de ação e exteriormente entre as diferentes modalidades de ação racional, bem como destacando os dois principais tipos de racionalidade moderna: a formal e a substantiva.

Além disso, refletimos sobre conceitos de impacto que formam o fulcro do pensamento weberiano, como é o caso das discussões que ele propõe sobre a questão das afinidades e tensões entre linhas de ação racional – econômica, política, artística, religiosa, entre outras – diferenciadas no mundo moderno.

Retomamos também, brevemente, o estudo de weber sobre religião e racionalidade para compreender melhor o fenômeno da racionalização e a tendência imanente às insti-

tuições modernas de se desenvolverem dentro de uma lógica racional; quando consideramos haver uma configuração racionalizada dentro do moderno jornalismo industrial.

Nas caracterizações acerca do jornalismo, partimos de um recorte histórico desta atividade, alcançando sua expressão moderna, configurada nos moldes capitalistas do jornalismo-empresa.

Percebemos que o jornalismo também se apresenta enquanto uma linha de ação de importância considerável na vida social. A partir dessa asserção, pensamos o jornalismo sob o prisma interno no âmbito das instituições noticiosas, quando vislumbramos algumas considerações sobre as práticas internas das redações, sobre o conteúdo jornalístico, formalmente dividido em categorias informativas e opinativas e subdividido em gêneros.

No decorrer deste estudo, ressaltamos o critério de seleção dos fatos jornalísticos, que depende da ação pessoal do jornalista, associada à orientação da política editorial de cada empresa, onde utilizamos, a título ilustrativo, uma das principais teorias do jornalismo – a teoria do *Gatekeeper* ou de seleção da informação. Percebemos, neste ponto, que o jornalista pauta-se pela técnica, tanto na escolha como na estruturação dos bens informativos.

Contribuindo para esta formação, vem a questão do profissionalismo e da aculturação do indivíduo na empresa jornalística, o que influencia, sobremaneira, a tomada de decisão do agente jornalista.

Somado a estas considerações, mais um ponto destaca-se em nossas conclusões: referente à especialização interna na esfera das redações. É neste ambiente onde se cria um quadro administrativo burocratizado que

busca eficaz, que procura orientar as ações técnico-rationais dos profissionais da informação. Em outras palavras, esta especialização geraria um processo de hierarquização das funções e rotinas dos jornalistas, contribuindo de forma progressiva para uma burocratização no cotidiano dos meios de informação, onde as restrições de “superiores hierárquicos” e da “política editorial”, motivadas pelas vinculações político-ideológicas de cada empresa em particular, comprometeriam, substancialmente, a criatividade e a autonomia de ação dos agentes.

Por último, achamos conveniente refletir sobre dois tipos de racionalidade propostos por weber, confrontando-os com a atividade jornalística no mundo atual. Neste aspecto, compreendemos que o jornalismo pauta-se tanto por uma racionalidade voltada para fins objetivos, quanto se estrutura enquanto racionalidade valorativa; porém, acreditamos haver uma tendência de superação da primeira dentro das práticas cotidianas dos meios de comunicação modernos.

Ao final deste estudo, podemos destacar quão valiosa foi a apreensão cognitiva dos aportes conceituais da teoria da racionalização, observar sua multiplicidade aplicativa no contexto da modernidade e empregar este conceito a uma instituição social moderna de enorme visibilidade, como é o caso do jornalismo.

5 Referências Bibliográficas

COHN, Gabriel. *Crítica e resignação: Max Weber e a teoria social*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

COHN, Gabriel. (Org.). *Weber*. 5. ed. São

Paulo: Ática, 1991. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

GIDDENS, Anthony. *Capitalismo e moderna teoria social*. 4. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza*. São Paulo: Ática, 1986.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira; OLIVEIRA, Maria Gardênia de. *Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. Porto Alegre: Unisinos, 2000.